



MALAFIA, Rosana da Silva. Nuances do cangaço no *Romance de Dom Pantero*, de Ariano Suassuna. *Revista Épicas*. Ano 7, N. 13, Jun 2023, p. 49-65. ISSN 2527-080-X.
DOI: <http://dx.doi.org/10.47044/2527-080X.2023.v13.4965>

NUANCES DO CANGAÇO NO ROMANCE DE DOM PANTERO, DE ARIANO SUASSUNA

NUANCES OF CANGAÇO IN THE *ROMANCE OF DOM PANTERO*, BY ARIANO SUASSUNA

Rosana da Silva Malafaia¹
Instituto Federal Fluminense (IFF)

RESUMO: O presente estudo objetiva apresentar uma (re)leitura de Dom Pantero como um misto de cangaceiro e cavaleiro medieval pela perspectiva dos estudos intermediários, tomando como texto base de análise as produções da Literatura de Cordel. Para percorrer essa aventura cangaceiresca, recorreu-se aos seguintes teóricos: Newton Jr. (2018) e Tavares (2007), contribuindo com referências a respeito da relação de Suassuna com a Literatura de Cordel; Curran (2009) e Vassalo (1993) na compreensão da relação entre o cangaceiro e o cavaleiro medieval; Rajewsky (2012) e Ribas (2017) esclarecendo sobre a análise intermediária da obra, tangenciando o cavaleiro medieval ao cangaceiro e, por fim, a análise do personagem Dom Pantero como uma construção desse novo cangaceiro no âmbito literário. Assim, demonstrou-se que na contemporaneidade, ainda é possível vislumbrar a imagem do cangaceiro e de toda sua ambientação no cenário literário brasileiro.

Palavras-chave: Dom Pantero; Cavaleiro medieval; Intermedialidade; Ariano Suassuna.

ABSTRACT: The present study aims to present a (re)reading of Dom Pantero as a mix of cangaceiro and medieval knight from the perspective of intermedial studies, taking as a basis for analysis the productions of Cordel Literature. To go through this outlaw adventure, the following theorists were used: Newton Jr. (2018) and Tavares (2007), contributing with references about Suassuna's relationship with Cordel Literature; Curran (2009) and Vassalo (1993) in understanding the relationship between the cangaceiro and the medieval knight; Rajewsky (2012) and Ribas (2017) clarifying the intermedial analysis of the work, approaching the medieval knight to the cangaceiro and, finally, the analysis of the character Dom Pantero as a construction of this new cangaceiro in the literary scope. Thus, it was demonstrated that in contemporary times, it is still possible to glimpse the image of the cangaceiro and all its setting in the Brazilian literary scene.

Keywords: Dom Pantero; Medieval knight; Intermediality; Ariano Suassuna.

¹ Professora Doutora em Literatura Brasileira pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) em 13 de abril de 2022. E-mail: rosana.malafaia@hotmail.com

Introdução

*...E assim vedes, meu Irmão, que as verdades que vos
foram dadas no Grau de Neófito,
e aquelas que vos foram dadas no Grau de Adepto Menor,
são, ainda que opostas, a mesma verdade.*

*– Do Ritual do Grau de Mestre do Átrio
da Ordem Templária de Portugal.*

Fernando Pessoa, *Eros e Psiquê*.

Adentrar em uma temática que envolve a Região Nordeste requer um contato com diversos símbolos próprios deste território. A seca, a miséria, o fenômeno do cangaço são alguns dos motes abordados por diferentes escritores. No entanto, essas abordagens podem ser tecidas de uma maneira inovadora. É o que faz um poeta popular nordestino. Resignificando a sua realidade, apresenta um sertão transfigurado, aproximando espaços e tempos através da Literatura de Cordel.

Desde quando o poeta Leandro Gomes de Barros passou a produzir e vender os folhetos de cordel, diversas histórias começaram a circular de forma escrita no sertão nordestino, fosse divertindo a população, fosse trazendo informações sobre o contexto histórico, político e social do Brasil. Acontecimentos como a Guerra de Canudos, a chegada do homem à Lua, a vida de Lampião ou a morte de Getúlio Vargas eram noticiados pelo poeta popular. Com uma maneira singular de contar tais histórias, a Literatura de Cordel encantava seu público leitor/ouvinte. O cordelista, inspirado pelas suas musas (CAVARERO, 2011, p.129), conseguiam aproximar heróis e reinos distantes, fazendo revivê-los no contexto nordestino.

Tomando como base essas referências promovidas pelo Cordel, este artigo objetiva relacionar esta literatura, assim como os reinos encantados construídos pelos cantadores, com a produção literária do escritor Ariano Suassuna, mais detidamente, as indicações encontradas no *Romance de Dom Pantero no Palco dos Pecadores* (2017) a respeito da releitura feita pelo autor da figura do cangaceiro ao adotar uma abordagem muito similar às realizadas pelo poeta popular.

Sabemos que o Cordel é uma literatura vista com certas restrições no meio acadêmico. Muitos a qualificam como tosca, simples, sem teor literário. No entanto, esses textos resistem há dois séculos de produção e divulgação, sempre encantando seus leitores/ouvintes. Tais produções necessitam ser valorizadas a fim de demonstrar sua força lítero-cultural. A Literatura de Cordel se constitui como um mosaico literário e cultural, desvelando na tessitura de seus versos diversos vestígios literários que perpassam a Antiguidade Clássica, esbarram na Idade Média e, por fim, aglutinam as culturas indígenas e africanas do Novo Mundo. Diante de tamanha complexidade, urge (re)conhecer esses feitos artístico-literários, dando visibilidade aos poetas populares nordestinos.

A Literatura de Cordel é capaz de se adaptar a qualquer temática, a promover reflexões estético-políticas em diferentes tempos e diversos lugares, por que ainda é vista de forma pejorativa? Uma literatura

que tem registrada, a partir da visão do povo – quase nunca ouvido – suas lutas, seus heróis, seus questionamentos, por que não a analisar com o mesmo refinamento da literatura canônica? Esses questionamentos motivaram a escrita desse artigo, pois no romance em análise foi possível reconhecer o valor desses textos e ainda refletir sobre como, na contemporaneidade, tomando como texto-base os folhetos de cordel, o escritor retomou e ressignificou um ciclo temático dessa literatura: o cangaço.

Tal abordagem é de fundamental importância para os estudos contemporâneos, pois o autor parte da Literatura de Cordel para construir uma narrativa épica tecida com tons intermediários. E, para percorrer essa aventura cangaceiresca - misto de cangaceiro com cavaleiro -, conforme será abordado mais adiante, recorreu-se aos seguintes teóricos: Newton Jr. (2018) e Tavares (2007), contribuindo com referências a respeito da relação de Suassuna com a Literatura de Cordel; Curran (2009) e Vassalo (1993), na compreensão da relação entre o cangaceiro e o cavaleiro medieval; Clüver (2009), Rajewsky (2012) e Ribas (2017) esclarecendo sobre a análise intermediária da obra, tangenciando o cavaleiro medieval ao cangaceiro nordestino e, por fim, a análise do personagem Dom Pantero como uma (re)construção desse novo cangaceiro no âmbito literário.

Antes de adentrarmos no (re)conhecimento do protagonista do romance como um misto de cangaceiro e cavaleiro; como um personagem tipicamente épico, faz-se necessário estabelecer sobre qual ponto de vista esta análise está se respaldando. Na década de 90, os estudos literários passaram a investigar novos horizontes de pesquisa. Os estudos interartes, ainda restrito a uma análise pautada entre as artes canônicas, já não respondiam mais aos anseios e as relações estabelecidas entre as obras de arte conhecidas como tal e as outras manifestações artísticas que não pertenciam àquele cânone. As imbricações estabelecidas pelas artes e as redes de significações produzidas e alteradas quando relacionamos as artes às outras referências artísticas, aos modos de reprodução, divulgação, materialização apresentadas pelo século XXI, produzem diferentes maneiras de ler um texto, seja verbal ou pictural. Diante deste contexto, os estudos intermediários, corrente surgida na Alemanha, abre novos caminhos de análise literária.

No campo das Intermedialidades, as artes e as mídias – *latu sensu* e *strictu sensu*² - se inter-relacionam produzindo efeitos de sentido para além de uma análise hermenêutica. Segundo Clüver, “Intermedialidade é um fenômeno que pode ser encontrado em todas as culturas e épocas, tanto na vida cotidiana como em todas as atividades culturais que chamamos de ‘arte’” (CLÜVER, 2009, p.2). O pesquisador elabora uma nova denominação para as obras de arte e passa a concebê-las como mídia, termo relativamente recente que migrou dos estudos da comunicação para os estudos literários. Ao estabelecer essa aproximação, o autor concebe uma nova maneira de analisar uma obra artística, pois possibilita enxergar diversas manifestações artísticas, que no geral não são reconhecidas como arte, como objetos de investigação promotores de

² Segundo a pesquisadora Ribas, as mídias “no singular *stricto sensu* remonta aos meios de comunicação de massa (televisão, rádio, fotografia, jornais); e, no singular e/ou plural, *latu sensu*, é utilizado como suporte físico para gravação e transmissão (no caso de som, imagem e mais recentemente, de arquivos digitais)” (RIBAS, 2017, p. 2879).

conhecimento, dado teórico que equipara a Literatura de Cordel – comumente percebida somente como manifestação cultural – a todas as outras obras de arte, dissolvendo fronteiras.

Na mesma linha de abordagem, Rajewsky (2012) propõe uma espécie de interação entre essas mídias/artes, definindo uma subcategorização na qual as mídias podem se apresentar a partir de três grupos integrados: a transposição, a combinação e as referências midiáticas. Neste artigo, interessa-nos a última subcategoria na qual a pesquisadora afirma que uma mídia pode fazer alusão a outras mídias. Encontramos indicações de uma mídia dentro da outra, por exemplo, ao lermos descrições verbais em um livro como se fosse uma cena cinematográfica; contemplarmos uma pintura como se fosse uma poesia ou ainda lermos um romance como se estivéssemos apreciando uma peça teatral. Para Clüver (2009), os casos de intertextualidade também estão enquadrados no campo das referências intermidiáticas. Neste quesito, a obra em questão é uma amostra dessa subcategoria, pois é possível encontrar a mídia cordel no romance, assim como imbricações dessa mesma mídia alterando e ressignificando a análise literária do enredo.

Tomando como referência esse modo de fruição do texto literário, é possível vislumbrar no romance em questão uma invocação ao cangaceiro na figura de Dom Pantero, quando este, ao *modus operandi* da Literatura de Cordel, transfigura o cavaleiro medieval ao cangaceiro nordestino. Dito isto, convém expor a relação temática do cangaço no contexto do Cordel.

Narrativas épicas em conexão

A Literatura de Cordel é uma arte/mídia literária com grande repercussão no Norte e Nordeste do Brasil. Uma literatura ainda vista com certas restrições no meio acadêmico por ter sua genealogia fixada na oralidade, nos poetas populares. Por ter sido alocada no campo do folclore, do espírito inventivo do povo e da tradição, foi qualificada como poesia de menor valor literário em relação às poéticas descendentes de culturas letradas. Realmente, as formas de poesia oral advêm de uma tradição, mas não no seu sentido estático, estagnada em determinado tempo (LEMAIRE, 2010, p. 17), mas de movência (ZUMTHOR, 2014, p. 65), adaptando-se, recriando-se, reinventando-se a cada nova ambiência alcançada ou tecnologia surgida.

Muitos pesquisadores acreditam que os cordéis nordestinos procedem das cantigas trovadorescas. O poeta cordelista Gonçalo Ferreira da Silva, presidente da Academia Brasileira de Literatura de Cordel (ABLC), em entrevista concedida à Biblioteca Florescer, afirma que “por volta do século XVI, ela (a literatura de cordel) era praticada na Península Ibérica por meio dos trovadores que recitavam louvações e galanteios para agradar os poderosos”. De fato, o cordel brasileiro possui sua genealogia nas cantigas trovadorescas, nas *folhas soltas*, conhecidas em Portugal como “volantes”, mas ressaltamos que essa literatura deve ser vista como uma tradição herdada de Portugal, não se trata de uma cópia, até porque, essa forma literária em Portugal obteve um viés mais teatral, conforme afirma a pesquisadora Maria Isaura Pinto, “parece consenso admitir que os folhetos portugueses foram responsáveis por uma ampla circulação de gêneros e tradições, sendo que, no conjunto, sobressaem os gêneros teatrais” (PINTO, 2011, p.140), fato este comprovado a partir do processo de produção cordelístico do teatro de Gil Vicente. Segundo Márcia Abreu,

a primeira notícia que se tem sobre a literatura de cordel lusitana vincula-se ao nome de Gil Vicente, que publicou sobre esta forma, algumas de suas peças. [...] *Dom Duardos* era vendido como folha volante em versão modificada, e o *Pranto de Maria Parda*, que também permaneceu por três séculos vendido como literatura de cordel (ABREU, 2006, p. 27).

Já o Cordel brasileiro estaria mais voltado para a arte do narrar, do contar histórias. Tal aspecto se deve ao ambiente cultural que encontrou no Brasil. Sabemos que a cultura brasileira é miscigenada, originária do encontro entre indígenas, africanos e europeus. No Brasil, o cordel português teve contato com essas culturas. Buscar o que estava guardado na memória era algo cultivado pelos povos indígenas e africanos. Para Ana Maria Galvão, “na verdade, o que parecia ocorrer era uma circularidade entre as diversas formas de cultura (inclusive as indígenas, africanas e de outros povos) em um Brasil marcado pela oralidade” (GALVÃO, 2001, p.30). E assim, “populações culturalmente distintas e historicamente ligadas” (PINTO, 2015, p.167) interagiram entre si permitindo ao artista nordestino (re)construir aquele cordel advindo de Portugal.

E foi na Região Nordeste que o cordel brasileiro mais se desenvolveu e agregou toda uma originalidade pertencente a este local. Segundo Márcia Abreu, “diferentemente da literatura de cordel portuguesa, que não possui uniformidade, a literatura de folhetos produzida no Nordeste do Brasil é bastante codificada” (ABREU, 2006, p.73). Esta afirmação nos faz refletir que realmente herdamos alguns traços, mas não copiamos tal manifestação artística. O poeta Rodolfo Coelho Cavalcante, no folheto *Origem da literatura de cordel e sua expressão de cultura nas letras de nosso país*, estabelece essa diferença através de seu cordel:

Na França, também Espanha
Era nas bancas vendida,
Que fosse em prosa ou em verso
Por ser a mais preferida
Com o seu preço popular
Poderia se encontrar
Nas esquinas da avenida.

No Brasil é diferente
O cordel-literatura
Tem que ser todo rimado
Com sua própria estrutura
Versificando em sextilhas
Ou senão em setilhas
Com a métrica mais pura.
(ABREU, 2006, p.106)

Os folhetos, assim, eram impressos e expostos à venda dependurados em barbantes. É especialmente popular entre os nordestinos e seus autores, os cordelistas, costumam apresentar suas obras oralmente, acompanhadas ou não de instrumentos musicais. Ao se (re)construírem, cumpriam o papel de jornal e novela do povo sertanejo, exerceram a função de informar e entreter. Em muitos momentos integrava à vida nacional, populações que ainda não haviam sido atendidas pelos serviços tradicionais de comunicação. É por isso que os mais diversos episódios e personagens foram transportadas para a crônica

cordeliana, dos desastres naturais aos embates ideológicos, de figuras como Getúlio Vargas, Lampião e Padre Cícero à Roberto Carlos.

O poeta popular, valendo-se dos diversos temas da Literatura de Cordel, cria seu estilo (re)inventando e adaptando os temas, modalidades e formas desses poemas. Um ciclo temático muito recorrente no Cordel, segundo Diégues Jr em uma tentativa de classificação dessa literatura para a Fundação Casa de Rui Barbosa, são os fatos circunstanciais ou de acontecidos, incluindo nesse esquema o ciclo do cangaceirismo. Com o intuito de compreender esse ciclo do cordel, vale uma pequena digressão a respeito do contexto histórico do Nordeste à época da colonização que o tangencia à cultura do medievo e essa sendo presentificada nos folhetos de cordel.

A região Nordeste do Brasil colônia possuía certas afinidades socioculturais em relação ao modelo lusitano ao qual foi submetido. Segundo Vassalo (1993), o regime português que melhor definiria o feudalismo atípico lusitano seria o patrimonialismo. Para o Brasil, esse sistema teria “uma tendência social de cunho medievalizante, com caracteres peculiares brotados da organização política e territorial das capitanias” (VASSALO, 1993, p. 59). O patrimonialismo brasileiro colonial aproximava o mundo medieval europeu do americano. É possível verificar tal organização política quando se observa um fazendeiro, dono de grandes propriedades, munido de plenos poderes em seus domínios, muito embora devendo submissão à Coroa. Esta estrutura formou um sistema cultural próprio baseado no

latifúndio, na monocultura, na estreita dependência econômica e cultural em relação à metrópole, a família patriarcal, o afdalgamento dos grandes proprietários e dos dirigentes, o desprezo pelo trabalho manual, a escravidão, um rígido esquema social cujos polos extremos deixam pouco espaço para os homens sem posses, o isolamento das grandes propriedades e sua relativa autonomia interna, a quase nula circulação de moeda no interior daquelas terras visto que a sua produção se orientava para o mercado ultramarino, a escassez de comunidades urbanas. (VASSALO, 1993, p. 59)

Esse universo medievalizante proporcionou o crescimento de uma sociedade na qual, grande parte da população iletrada, não tinha acesso às produções escritas e, para que pudessem também ter conhecimento sobre assuntos que circulavam entre os letrados, produziu para si uma forma de comunicação diferenciada e apreciada pelo povo, afirmando ser a forma mais autêntica de comunicação: a Literatura de Cordel.

Curran (2009) também destaca que a sociedade nordestina sofreu com um grave problema social resultante do fim da escravidão. A aristocracia local, com a perda de sua mão de obra escrava, aos poucos se enfraquecia. O fenômeno do cangaço se expandia com nova forma: “em vez do cabra, capanga ou jagunço a serviço de um chefe político da região, agora existia um cangaceiro novo, como Antônio Silvino, liderando seu próprio grupo e, às vezes, desafiando o poder dos donos de terra, isto é, a oligarquia” (CURRAN, 2009, p. 41). Tendo uma ambientação com resquícios medievais, coube ao poeta popular aproximar reinos e relacionar esses novos personagens – os cangaceiros - aos cavaleiros medievais. Como ficou comprovado, os contatos com o Novo Mundo alteraram e ressignificaram a literatura da voz vinda do Velho Mundo, no

entanto, alguns outros pontos em relação ao medievo podem ser demarcados: alguns poemas narrativos conservam o imaginário do discurso poético medieval; os poemas narrativos organizados em ciclos guardam afinidades com os ciclos medievais; as aventuras dos cangaceiros lembram o tom épico das histórias de Carlos Magno; “os desafios e pelejas retomam as formas e o cerimonial dos ‘contrastes’ e ‘tensões’ medievais” (ZUMTHOR, 1983, p. 76); a xilogravura presente na capa dos folhetos “apresenta laços familiares com a pintura medieval” (RIBAS; MALAFAIA, 2021, p. 71).

Mark Curran (2009) afirma que o ciclo temático do cangaço, “além de relacionar-se à política, está muito ligado ao tema do herói e ao modelo fornecido pelo livro de aventuras do sertão, *Histórias de Carlos Magno e os Doze Pares de França*, originando grande número de poemas orais e escritos” (CURRAN, 2009, p. 60). Esses diálogos com a Idade Média aglutinam o cordel nordestino à literatura medieval e permitem introduzir no sertão um imaginário medievalizante, fortemente marcado na figura do cangaceiro.

A partir de versões e recriações, o poeta popular, com sua força inventiva, criou reinos, heróis típicos brasileiros com aproximações daqueles reinos e heróis medievais. As fazendas e engenhos se transformam em castelos, os fazendeiros e chefes de cangaceiros são barões e cavaleiros, cangaceiros são vistos tanto como defensores da justiça e protetores dos pobres quanto como bandidos ferozes. Segundo Curran,

No cordel, o cangaceiro é o herói por excelência, misto de bandido, criminoso e lutador pela justiça no sertão nordestino. Nas obras cordelianas contemporâneas, é visto como o tipo heroico legítimo, maior do que a vida, verdadeiro “cavaleiro do sertão”, com as cintas repletas de balas, o rifle “papo-amarelo” (Windchester 44), o revólver e o facão. [...] Trata-se da variante folclórica moderna do cavaleiro medieval, seguindo o modelo cordeliano extraído das histórias de Carlos Magno e seus pares. (CURRAN, 2009, p. 61)

No folheto, *As bravuras de Antônio Silvino em honra de um velho amigo*, Antônio Silvino ora é concebido como um bandido impiedoso, ora como um defensor da honra e da justiça, tal qual um cavaleiro medieval.

Dizem que o capitão
Antônio Silvino era
Um símbolo de malvadeza
Um coração de pantera
Matava sem piedade
Como se fosse uma fera.

Outros dizem que ele tinha
Um coração de bondade
Que protegia a pobreza
E também a virgindade
De qualquer donzela que
Vivesse em honestidade.
(LONDRES, 1983, p. 181)

João Martins de Athaíde, em *O interrogatório de Antônio Silvino*, ressalta as qualidades cavaleirescas desse personagem: rouba dos ricos para entregar aos pobres, defende moças inocentes, espalha moedas para que os pobres as recolham nas ruas, ações que lembram o conhecido *Robin Hood*:

Tomei dos ricos
E aos pobres entreguei
Protegi sempre a família
Moças pobres amparei
O bem que fiz apagou
Os crimes que pratiquei.
(ATHAÍDE, 1954, p. 4)

Assim sendo, o cordel promove uma aproximação espaciotemporal entre o Nordeste brasileiro e o medieval, trazendo resquícios medievais que servirão de sustentáculo para a criação da obra do autor estudado neste artigo, Ariano Suassuna. O referido autor, apresenta-nos um herói híbrido: Dom Pantero é um “cangaceiresco”, ao mesmo tempo que possui atributos cavaleirescos, possui uma trajetória familiar marcada pela violência e, como todo cangaceiro, vinga a sua família, não com lastros de sangue, mas através da sua produção literária.

1.1 Dom Pantero: misto de cangaceiro e cavaleiro

Antes de adentrarmos mais detidamente no personagem alvo da análise deste trabalho, é de fundamental importância compreendermos, ainda que de modo breve, algumas referências sobre Suassuna que são refletidas no romance em estudo.

Autor de uma escrita artesanal - algo muito próximo da feitura dos manuscritos medievais -, Suassuna primeiro escrevia à mão, depois datilografava e por último passava a limpo novamente à mão: “via de regra, escrevia todas as manhãs, de domingo a domingo, sempre à mão, curvado sobre a mesma escrivaninha, com a paciência, a dedicação e o perfeccionismo de um monge copista” (NEWTON JÚNIOR, 2018, p.8). A inspiração para a concepção de sua obra eram os folhetos de cordel e as festas populares nordestinas. Suassuna buscava seu estímulo nas histórias dos cantadores nordestinos. Afirmava nada criar, recriava os casos desses narradores da tradição oral. Era tão atraído pelo Romanceiro Popular Nordestino que idealizou um movimento no qual a cultura popular pudesse servir de base para a construção de uma cultura erudita, concebendo vida e forma ao Movimento Armorial.

A relação de Suassuna com a Literatura de Cordel advém de sua infância. Apaixonado pela leitura, tinha à disposição uma biblioteca, deixada pelo pai e preservada pelo seu tio materno Manuel Dantas Villar, além dos livros trazidos pelos seus irmãos do Recife, durante os períodos de férias. No entanto, Suassuna não se limitava a ler somente “os livros de verdade” (TAVARES, 2007, p. 26), na biblioteca teve contato com folhetos de cordel que também eram apreciados pelo seu pai. Segundo Tavares,

Ali (biblioteca) ele encontrou o *Sertão Alegre* e outros livros em que o escritor cearense Leonardo Mota recolheu versos e “causos” dos poetas populares do Ceará. Ao ver que o livro era dedicado, entre outras pessoas, a seu pai João Suassuna, o jovem leitor tomou isto como um incentivo a mais, e uma prova de que aqueles folhetos populares que tanto prazer lhe davam eram valorizados também pelas pessoas que escreviam livros. (TAVARES, 2007, p. 26)

Diante deste universo popular, Suassuna inseria em suas produções artísticas temas, personagens, ambiências do sertão nordestino para suas obras. Em seus textos, produzia, assim como a Literatura de Cordel, um imaginário fortemente medieval. Sua visão do sertão, do cangaceiro, da sua cidade de Taperoá, da condição de vida dos sertanejos e do poder dos fazendeiros, era, para o autor, um universo medievalizante. Essas percepções faziam-no (re)viver e (re)criar o medievo.

Neste jogo de recriações, o *Romance de Dom Pantero no Palco dos Pecadores* conta a história do escritor Antero Savedra sob a máscara do personagem Dom Pantero, um escritor frustrado o qual recebeu uma missão de seu tio, mestre e padrinho Antero Schabino, para escrever um romance sonhado, mas não concretizado. Dom Pantero narra sua trajetória de vida, familiar, profissional, de forma épica, muito próximo ao modo narrado pelos poetas populares em seus cordéis.

Dom Pantero

Chamo-me Antero Savedra, nobres Cavaleiros e belas Damas da Pedra do Reino; e, como Altino, Auro e Adriel, sou filho do Cavaleiro – João Canuto Schabino de Savedra Jáuna – e de sua mulher e prima, Maria Carlota Sotero Veiga Schabino de Savedra. Mas, do ponto de vista da nossa formação intelectual, fomos educados por nosso tio, Antero Schabino – Paulo Antero Soares da Veiga Schabino de Savedra –, irmão de nossa Mãe e autor de dois livros, o *Diálogo d’A Onça Malhada* e *a Ilha Brasil* e o “quase-romance” *O Desejado*, ambos publicados, à sua custa, sob os pseudônimos de Aribal Saldanha e Ademar Sallinas. (SUASSUNA, 2017, p. 55)

[...]

Dom Pantero

Ora, sendo a *Estrada do Palco* mais significativo das *Viagens*, o livro que nosso tio Antero Schabino sonhava escrever quando morreu chamava-se exatamente *A Divina Viagem*; de modo que, agora, esta *Incursão*, este *Castelo teatral*, *novelesco*, *circense*, *movediço* e *ambulante*, é que verdadeiramente começa a minha – a *Viagem final* e *insólita* que estas *Cartas aos poucos* pretendem narrar. (SUASSUNA, 2017, p. 70)

Para conseguir cumprir a sua missão, Dom Pantero pretende reunir os manuscritos de seus irmãos Auro, Altino e Adriel. Dom Pantero crê que se conseguir escrever uma obra com os textos de seus irmãos, ele terá alcançado o mais alto nível entre os escritores, talvez até mais que Cervantes. Obsedado por este sonho e acreditando que seus relatos biográficos ajudarão na construção desse romance, ele narra fatos de sua vida por meio de cartas que poderão esclarecer seu sonho. Considerando-se um profeta, com visões confusas e enigmáticas, pensa que tais premonições serão capazes de ajudá-lo a erguer a sua *Ilumiara*, obra de arte literária na qual constará, de maneira única, toda uma produção artística que refletirá os caminhos das artes e da cultura brasileira, em forma de romance.

Antero Savedra

Sim, porque aquela Visão era também uma Sagração e foi ela que me permitiu escrever estas Cartas com a paixão que meu assunto exigia: mesmo continuando a ser o Antero Savedra sombrio, culposo e feio do dia a dia, a Visão, ao fundir-me à máscara-e-persona de Dom Pantero, fizera de mim um Personagem, mais uma vez possuído pelo Dáimone, “*um Rei imortal, transfigurado em Poeta, Palhaço e Profeta*”. (SUASSUNA, 2017, p. 79)

Essa Ilumiara é construída através de cartas emitidas aos “nobres Cavaleiros e belas Damas da Pedra do Reino” (SUASSUNA, 2017, p. 216). Em cada carta, o narrador relata um fato da sua vida que contribuiu para a construção desse romance. No primeiro livro *O jumento sedutor*, os escritos de Dom Pantero revelam alguns fatos trágicos da sua vida e de sua família os quais o estimularam a dar forma ao romance.

Antero Savedra

[...]

Devo explicar a Vocês que nossas vidas foram marcadas por 4 acontecimentos terríveis. O primeiro surgiu quando, a 9 de outubro de 1930, meu Pai foi assassinado com um tiro pelas costas. O segundo, quando meu irmão Mauro se matou com punhaladas deferidas contra o peito, o que sucedeu no dia nefasto de 6 de outubro de 1970. O terceiro e o quarto, quando Auro e Adriel foram também assassinados. (SUASSUNA, 2017, p. 51)

Esses episódios marcaram sua formação moral, política, religiosa e cultural. Seu tio, Antero Schabino, fê-lo entender que a família Savedra era “*uma família trágica*” (SUASSUNA, 2017, p. 51) e que a sua história deveria ser narrada por um novo “Hamlet” que “acertaria a vencer sua dor no Palco e na Estrada, por meio das Armas que Deus lhe concedeu – ‘*o galope do Sonho*’, do Rei, e ‘*o Riso a cavalo*’, do Palhaço” (*idem*, p. 51). Com esse pensamento, Dom Pantero decide erguer sua narrativa épica.

Como abordado anteriormente, os cordelistas “traduziram” muitos romances medievais e nesse processo inseriram reis, rainhas, príncipes, princesas, castelos no contexto do sertão nordestino. Do mesmo modo que as mães-pretas incluíam os personagens de suas terras nas histórias contadas para os meninos brancos, os poetas aprenderam a transformar seu cenário sertanejo em castelos medievais e seus cangaceiros e vaqueiros em reis e príncipes do sertão. Foi neste ambiente de cavalarias e cavalgadas que Suassuna construiu seu reino encantado, por isso suas obras apresentam referências à arte medieval e pela via intermediária aproxima o cangaceiro ao cavaleiro medieval. *O Romance de Dom Pantero no palco dos pecadores* ‘é “como se” (RAJEWSKY, 2012, p.28) fosse um livro-cordel e Dom Pantero é um personagem, pela óptica da Intermedialidade, que traz referências intermediárias (CLÜVER, 2009, p. 17) observadas na leitura do romance, os anti-heróis nordestinos e medievais.

A temática construída nos folhetos a respeito de um herói que busca pela justiça advém, como já comentado, das histórias trazidas pelos portugueses, essa por conseguinte derivada de temas orientais. Na opinião de Mark Curran, “as adaptações de personagens pelos poetas rústicos, adaptações destinadas a conformá-los à situação do povo e sociedade nordestinos, é interessante e importante como fenômeno literário” (CURRAN, 1973, p. 26). Essa forma de ajustar a sua realidade à dos heróis do Velho Mundo fez com que o poeta transpusesse a temática da justiça, honra e defesa dos mais fracos daquelas histórias para a sua realidade, depositando no cangaceiro sua esperança de um mundo melhor.

Para o sertanejo, embora os cangaceiros fossem homens cruéis, eram vistos como os únicos que se importavam com a dura realidade vivida no sertão. Sem auxílio do governo, inseridos em uma sociedade oligárquica, os cangaceiros eram aqueles justiceiros paradoxais, não praticavam a justiça das leis regidas pela sociedade, mas as suas próprias leis. Para muitos nordestinos essa era a forma de “justiça” que conheciam e assim alguns se tornaram figuras ilustres e reconhecidas como “heróis” daquele povo.

Diante disso, uma leitura relacionada à figura de Dom Pantero como anti-herói sertanejo é possível. Sendo um sertanejo, por conseguinte um lutador, um cavaleiro, filho de um pai assassinado injustamente, além de ter presenciado diversos acontecimentos trágicos na família, a figura de Dom Pantero muito se aproxima da vida do cangaceiro Antônio Silvino e Virgulino Ferreira.

No folheto *Antônio Silvino: vida, morte e julgamento*, de Francisco das Chagas Batista, o personagem-narrador assim narra a sua história:

No ano noventa e seis
Meu pai foi assassinado
Pela família dos Ramos,
Já sendo nosso intrigado,
Um deles, o José Ramos,
Que era subdelegado.
[...]
E eu que vi a Justiça
Mostrar-se de fora à parte,
Murmurei com meus botões:
— Também eu hei de arrumar-te
Não quero código melhor
Do que seja o bacamarte.
(BATISTA, 2007, p. 53)

Cascudo registrou um folheto sobre Lampião que conta a história de Virgulino Ferreira da Silva, descrição semelhante:

Assim como sucedeu
Ao grande Antônio Silvino,
Sucedeu da mesma forma
Com Lampeão Virgolino,
Que abraçou o cangaço
Forçado pelo destino.

Por que no ano de Vinte
Meu pai fora assassinado
Da rua da Mata Grande
Duas léguas arredado...
Sendo a força da polícia
Autora deste atentado...
(CASCUDO, 2005, p. 168)

Essas descrições se aproximam da forma como o protagonista narra a história de sua família, “Devo explicar a Vocês que nossas vidas foram marcadas por 4 acontecimentos terríveis. O primeiro surgiu quando,

a 9 de outubro de 1930, meu Pai foi assassinado com um tiro pelas costas” (SUASSUNA, 2017, p. 51). Dom Pantero, assim como Antônio Silvino, luta por justiça, mas não feita por meio do sangue. Para honrar a vida de seu pai, tios e irmãos, ele cria uma “justiça” literária. O personagem quer que sua família e que ele próprio seja imortalizado no romance através de seus escritos, assim como o seu desejo de protestar contra as injustiças instauradas contra os mais pobres.

Vendo, então, que era impossível recuperar a Casa, foi ali que se implantou em mim o sonho de reconstruí-la por meio destas Cartas e do Simpósio Quaterna, com seus Vitrais, sua Música, e o claro-escuro do Palco – enfim, com aquele ambiente-de-encantação através do qual eu tentaria recuperar “meus dias para sempre destruídos”. E, ao lado disso, arranjar um jeito de, no Espetáculo, protestar contra a sorte de todos aqueles que eram relegados (pela injustiça, pela maldade, pela indiferença) para debaixo de todas as pontes do Mundo. Dom Pantero do Espírito Santo, Imperador. (SUASSUNA, 2017, p. 37)

Essa ideia de registrar uma luta em favor dos menos favorecidos, protestar em favor do povo são temas comuns à Literatura de Cordel. O povo, no folheto de Vicente Campos – *A candidatura de Lampião para Presidente da República* –, se via liberto das injustiças sofridas caso Lampião fosse eleito:

O programa de governo
Era voltado pro povo
E este logo aprovou
Sonhando com um Brasil novo
Um país justo e feliz
Dono do próprio nariz
Sem dever sequer um ovo.

O povo do meu sertão
Já estava até sonhando
Com uma vida melhor
Estavam todos contando
Pensavam como seria
Ter saúde e moradia
A educação prosperando.

Pensavam como seria
Viver sem corrupção
Felicidade pra todos
Habitantes da nação
Por toda parte se ouvia
Dia e noite, noite e dia
— Vou votar em Lampião.
(CAMPOS, s.d., p. 5)

A luta pela justiça, nos folhetos, parte de um cangaceiro visto como um herói, um cavaleiro, como abordado anteriormente. No romance, Dom Pantero é este mesmo filho de cavaleiro que buscará, com sua arte, corrigir os anos de exclusão da cultura e arte popular no contexto literário. Ao se intitular cavaleiro, Dom Pantero se aproxima desse universo da cultura popular legitimando a sua arte.

As metáforas realizadas por Antônio Silvino com o intuito de demonstrar sua força e determinação, conforme aparece no folheto, *Os cálculos de Antônio Silvino*, de Leandro Gomes de Barros:

Preparo meus cachorrinhos
E grito: rapaziada
Defuncto é minha lavoura
Esse rifle é minha enxada
A chuva é esse facão
Eu sou filho do sertão
Nunca errei uma caçada!
(BARROS, 1908, p. 9)

Aproxima-se do tom metafórico realizado por Dom Pantero para empreender sua jornada em direção à construção da tão sonhada *Ilumiara*: “se ele representasse bem o Brasil estaria representando bem o Mundo inteiro, pois ‘o Brasil é o Sertão do Mundo’” (SUASSUNA, 2017, p. 53); “no Palco daquele teatro que era o Mundo, ou no Circo daquela Estrada que era a Vida” (idem, p. 64); “o Espetáculo assumia o caráter de ‘uma outra metáfora do Mundo’” (ibidem, p. 65). Ao fazer tais comparações e reflexões, Dom Pantero aproxima o seu olhar sobre sua obra de uma maneira similar ao que Antônio Silvino produzia com suas armas. Sendo os dois, filhos do sertão, não seria de se estranhar tais semelhanças.

Segundo Curran (2009), “na literatura de cordel, o vaqueiro, o valente sertanejo e o cangaceiro têm traços de Carlos Magno ou de seus cavaleiros, embora usem o chapéu de couro, o gibão e as perneiras do interior, em vez da armadura e da espada de aço” (CURRAN, 2009, p. 69). Em *As lágrimas de Antônio Silvino por Tempestade*, Leandro Gomes de Barros assim descreve uma das cenas de Antônio Silvino chorando a morte dos cangaceiros:

Eu choro a falta que faz-me
Todos os meus companheiros
Qual Carlos Magno chorou
Por seus doze cavaleiros.
Nada me faz distrair,
Não deixarei de sentir
A morte dos cangaceiros.
(BARROS, s/d, p. 7)

Essa comparação aproxima a dor do cangaceiro a de um cavaleiro medieval. Dom Pantero também sente uma dor semelhante perante aquelas pessoas injustiçadas pela vida: “arranjaria um jeito de, no Espetáculo, protestar contra a sorte de todos aqueles que eram relegados (pela injustiça, pela maldade, pela indiferença) para debaixo de todas as pontes do Mundo” (SUASSUNA, 2017, p. 37) e, por se intitular filho de cavaleiro:

chamo-me Antero Savedra, nobres Cavaleiros e belas Damas da Pedra do Reino; e, como Altino, Auro e Adriel, sou filho do Cavaleiro – João Canuto Schabino de Savedra Jáúna – e

de sua Mulher e prima, Maria Carlota Sotero Veiga Schabino de Savedra”. (SUASSUNA, 2017, p. 55)

tenho o direito de montar Graciano, o Cavallo castanho e alado que é o timbre de nossa Raça (*idem*, p.57)

assim que ela começara a falar, a imagem de minha amada e nunca esquecida Liza Reis me aparecera, luminosa e pura, para me lembrar que eu, ao conhecê-la, me tornara seu Vassalo de uma vez para sempre – um Vassalo que a nenhuma outra Mulher jamais prestaria culto (*idem*, p. 109)

Dom Pantero deseja vingar todos os injustiçados com sua arte. Em um vídeo que o personagem afirma ter sido gravado por Claudio Brito e intitulado Antero: Savedras, o último episódio se refere A luta, semelhante, segundo o personagem a *Os Sertões*: “A Luta, aludia às Saídas e Aulas-Espetaculosas por meio das quais travava minha luta em defesa do nosso País e do nosso Povo” (SUASSUNA, 2017, p. 96). Luta por justiça também travada por Antônio Silvino em *As proezas de Antônio Silvino*:

Eu hoje podia ser
Um distinto cavalheiro
Meu pai foi assassinado
Devido a não ter dinheiro
Eu para me ver vingado
Fiquei sendo cavalheiro.
[...]
Não foi tanto por instinto
Mas sim por uma vingança
Porque mataram meu pai.
(BARROS, 1908, p. 2)

Antônio Silvino, além de cangaceiro, divulgava seus pensamentos em relação à política. Curran (2009), assim registrou um trecho de um folheto de Leandro Gomes de Barros:

Mas o governo atual
Julga que a oposição
Não tem direito ao Brasil
Pertence a outra nação
Devido a isso é que o rifle
Está governando o sertão.
(BARROS, s/d, p. 7)

No mesmo caminho, segue o protagonista do romance analisado. Dom Pantero demonstra sua preocupação com o povo. De acordo com seu posicionamento, o Brasil é dividido em dois: um real – composto pelo povo – e um oficial – composto pela camada letrada das academias, da política, dos que possuem uma vida estável e equilibrada.

Mas o choque que me desenganou foi brutal: não tanto por estar seco e sujo o leite do Rio; mas porque embaixo da Ponte, como se fossem Bichos, estava arranchada uma família de

Retirantes, ferida pela fome, pela miséria, pela sujeira, pela maior degradação que se possa imaginar. E, por cima da Ponte, desfilavam meus semelhantes – pessoas para as quais “os Miseráveis” era como se não existissem. Nem sequer os viam. (SUASSUNA, 2017, p. 35)

Da mesma maneira como Antônio Silvino divide a nação brasileira, Dom Pantero também a faz, demonstrando sua preocupação com a população pobre brasileira na qual as autoridades nada fazem para minimizar suas dores e sofrimentos.

Considerações finais

Conforme apresentado ao longo do artigo, o romance analisado traz na tessitura de sua construção a figura tanto do cangaceiro quanto do cavaleiro medieval, ao analisar a obra sob a perspectiva intermediária. Une de maneira singular essas duas figuras históricas e literárias. Por via dupla, ao dispor da Literatura de Cordel para fazer esse intercâmbio e ao apresentar ao leitor um personagem mítico, guerreiro e audacioso, o autor tece uma obra épica na qual Dom Pantero torna-se um anti-herói da cultura e das artes brasileiras.

O *Romance de Dom Pantero no Palco dos Pecadores* é um texto seminal para os estudos sobre Intermedialidade. Várias são as mídias que se conectam e em uníssono dão forma ao romance. Durante a leitura da obra, foi possível aproximar o cavaleiro medieval e o cangaceiro nordestino como personagens que detém uma mesma carga genética e que, por esse viés, tangencia o personagem de Dom Pantero, um híbrido de cavaleiro e cangaceiro como o próprio Antônio Silvino. E, se o Cordel é um gênero épico brasileiro, o romance criado por Suassuna, traça o caminho épico do Cordel no qual Dom Pantero aflora seus laços cangaceirescos.

Realizar estas justaposições de narrativas, aproximar espaços e tempos no mundo contemporâneo permitem, ao leitor do texto literário, refletir sobre a função estético-política da Literatura Brasileira, principalmente a do Cordel que por anos foi alijada do círculo das Letras. Ao visualizar a figura de Dom Pantero como um cangaceiro literário, a presença dessa releitura suscita diferentes abordagens sobre esses personagens da História que ora eram vistos como nobres valentes e defensores da justiça e, ora eram vistos como bandidos cruéis e impiedosos.

Retomando a epígrafe desse estudo, percebe-se que uma “verdade” pode conter outras “verdades”, ainda que tais declarações sejam opostas. Uma suposta “verdade” depende do ângulo de visão de quem a declarou, por isso é urgente ampliar os campos e métodos de visão para que outras “verdades” possam ser desvendadas. No ritual de iniciação templária, ao iniciante era permitido interpretar os símbolos de maneira individual e assim seria capaz de construir seus próprios conhecimentos. Esse modo de aprendizagem autorizava o iniciante a (re)descobrir o seu caminho. Diante dessas reflexões, é coerente pensar que um texto possui diferentes modos de leitura, sendo possível escolhermos um desses modos na tentativa de construir sentidos, levando sempre em consideração o ponto de vista adotado na elucidação dos símbolos apresentados. A partir dos estudos intermediários diversas conexões se tornam possíveis e novos horizontes

de leituras podem ser explorados (re)criando outras “verdades”, conforme depreendemos a visão do cangaceiro a partir do romance de Ariano Suassuna.

Dessa forma, Dom Pantero com seu ideal de justiça, não marcada pelo sangue, traz para a contemporaneidade reminiscências de Antônio Silvino e/ou Lampião, personagens que ainda na atualidade alimentam o imaginário popular nordestino.

Referências Bibliográficas

ABREU, Márcia. **Histórias de cordéis e folhetos**. Campinas: Mercado das Letras, 2006.

ATHAÍDE, João Martins de. **O interrogatório de Antônio Silvino**. 1954.

BARROS, Leandro Gomes. **O verdadeiro Romance do herói João de Calais**. 2004.

BARROS, Leandro Gomes. **O nascimento de Antônio Silvino**. s.d.

BATISTA, Francisco das Chagas. **Antônio Silvino: vida, morte e julgamento**. 2007.

CAVARERO, Adriana. **Vozes plurais: filosofia da expressão vocal**. Tradução de Flávio Terrigno Barbeitas. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

CASCUDO, Câmara. **Vaqueiros e cantadores**. São Paulo: Global, 2005a.

CASCUDO, Câmara. **Literatura oral no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Global, 2006.

CLÜVER, Claus. Inter textos, inter artes, inter media. **Aletria**. jul-dez., 2006. Disponível em <https://www.lettras.ufmg.br/poslit>. Acesso em 20 jun 2019.

CLÜVER, Claus. Intermidialidade. **Pós: Belo Horizonte**, v. 1, n. 2, p. 8-23, nov. 2011. Disponível em: <https://www.eba.ufmg.br/revistapos/index.php/pos/article/view/16/16>. Acesso em: 15 maio 2019.

CURRAN, Mark. **História do Brasil em cordel**. São Paulo: Edusp, 2009.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. **Cordel: leitores e ouvintes**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

LEMAIRE, Ria. Tradições que se refazem. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, n. 35, Brasília, jan.-jun. 2010, p. 17-30. Disponível em: <https://www.periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/9650>. Acesso em: 30 maio 2021.

LONDRES, Maria José F. **Cordel do encantamento às histórias de luta**. São Paulo: Duas Cidades, 1983.

MALAFIA, Rosana S. **Múltiplas conexões: a presença intermediária do cordel no Romance de Dom Pantero, de Ariano Suassuna**. 2022. 193f. Tese (Doutorado em Literatura Brasileira do Instituto de Letras) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

MATOS, Edilene. A voz do cordel: um diálogo com o mundo. In: NEMER, SYLVIA. **Recorte contemporâneos sobre o cordel**. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 2008. pp. 75-80.

MÜLLER, Adalberto. **Linhas imaginárias: poesia, mídia, cinema**. Porto Alegre: Sulina, 2012.

NEMER, Sylvia (org.). **Recortes contemporâneos sobre o cordel**. Rio de Janeiro: Casa Rui Barbosa, 2008.

NEWTON JR., Carlos. **O circo da onça malhada: iniciação à obra de Ariano Suassuna**. Recife: Arte livro, 2000.

NEWTON JR., Carlos. **Ariano Suassuna: almanaque armorial**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.

NEWTON JR., Carlos. Dom Pantera e sua Iluminara. In: SUASSUNA, Ariano. **O Romance de Dom Pantera no Palco dos Pecadores**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017.

PINTO, Maria Isaura Rodrigues. Literatura de Cordel do Brasil e de Portugal: elementos articuladores de cumplicidades e conflitos. **Cadernos do CNLF**, v. XV, n. 5, t. 2. Rio de Janeiro: CIFEFIL, 2011. p. 1986-2001.

PINTO, Maria Isaura Rodrigues. Interseção entre o domínio literário e o domínio midiático na atualidade. **Linguagem em (Re)vista**, Niterói, ano 8, n. 15-16, p. 102 -113, 2013.

PINTO, Maria Isaura Rodrigues. Memórias (não) hegemônicas e interações culturais no cordel do Brasil. **Linguagem em (Re)vista**, Niterói, v. 10, n. 20, jul. Dez. 2015.

RAJEWSKY, Irina. Intermodalidade, intertextualidade e 'remediação': uma perspectiva literária sobre a intermodalidade. In: DINIZ, Thaís F. Nogueira. **Intermodalidade e estudos interarte: desafios da contemporaneidade**. Belo Horizonte: UFMG, 2012. p. 15-46.

RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível: estética e política**. Tradução: Mônica Costa Netto. São Paulo: Ed. 34, 2009.

RIBAS, Maria Cristina C. Literatura e(m) cinema: breve passeio teórico pelos bosques da adaptação. **ALCEU: Revista de Comunicação da PUC-Rio**, v. 14, n. 28, p. 117-128, jan.-jun. 2014.

RIBAS, M. C.; DA SILVA MALAFAIA, R. Literatura de Cordel e Educação: um mosaico interartístico. **PÓS: Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG**, [S. l.], v. 11, n. 21, p. 61-89, 2021. DOI: 10.35699/2237-5864.2021.20633. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistapos/article/view/20633>. Acesso em: 31 mar. 2022.

RIBAS, Maria Cristina C.; AMARAL, Sérgio da Fonseca. **Interconexões: mídias, saberes e linguagens**. Rio de Janeiro: Abraxis, 2018.

SILVA, Gonçalo Ferreira da. **Entrevista concedida à Biblioteca Florescer**. Rio de Janeiro, 17 jun. 2011.

SUASSUNA, Ariano. **Romance de Dom Pantera no Palco dos Pecadores**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017.

TAVARES, Bráulio. **ABC de Ariano Suassuna**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2007.

VASSALO, Lúcia. **O sertão medieval: origens europeias do teatro de Ariano Suassuna**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1993.

ZUMTHOR, Paul. **A letra e a voz: a "literatura" medieval**. São Paulo: Companhia das Letras, 1983.